

# TRABALHADA LIVRE

A Biblioteca Pública de  
Braga

19  
MAIO  
1973

## SEMANÁRIO DE CRITICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narelso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Sede e Administração  
Comp. Impressão e Redacção

LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

# PRODUTIVIDADE

## APÊLO

### Vão realizar-se as Festas Concelhias em honra de Santo António

A mentalização de que há anos a esta parte se vem arreigando na gestão empresarial traz ao de cima o facto importante da produtividade.

De certo que sem rentável produtividade nada se pode fazer no tempo actual. Há necessidade de recorrer à inteligência tecnológica e administrativa para se caminhar, não é preciso na vanguarda, mas mesmo na esteira da vanguarda. De contrário, toda a ilusão de um futuro próspero se esvai por falta de mentalidade técnica.

Com esse fito, o Governo vem processando boa quantidade de instituições que impulsionam essa mentalização e tornam prática uma série de disposições postas ao serviço da indústria e do Comércio nacionais.

Para o efeito foi criado e provido o lugar de Presidente do Conselho Nacional de Produtividade, sob a alçada do Ministério do Planeamento, base da estrutura da renovação do ambiente nacional económico.

E foi exactamente no acto de posse do novo presidente do C. N. P., que o ilustre Ministro dr. Mota Campos, proferiu escolhidas e «amargas» palavras, atinentes ao «humus» empresarial português.

Sua Excelência obtemperou:

«Tenhamos bem presente que a melhoria da produtividade dá mão de obra e a consequente redução dos custos de produção são, ao mesmo tempo, condição de competitividade das actividades económicas nacionais — que o mesmo é dizer, do desenvolvimento do País — e de mais altos níveis de remuneração dos trabalhadores portugueses, a traduzir a sua crescente participação no rendimento nacional.

«Não se conclua destas palavras, porém, que eu adira ao pensamento de que a melhoria do nível salarial esteja rigidamente dependente e deva ser aritmeticamente proporcionada aos aumentos de produtividade do trabalho.»

E depois de expor o seu ponto de vista em relação à produtividade, dizendo que nem só do empenhamento

do trabalhador esta depende, aponta:

«Seria uma injustiça que os trabalhadores das empresas, especialmente os de condição mais modesta e, portanto, mais carecidos de significativas melhorias salariais, fossem, eles que não estão em posição de responder em primeira linha pela elevação dos níveis de produtividade, vítimas de condicionalismos que os transcendem e vissem assim frustradas as suas legítimas aspi-

rações de promoção económica. Isso equivaleria a penalizá-los por faltas alheias — o que não está, como se tem mostrado e vai demonstrar-se mais vigorosamente no futuro, nas intenções do Governo.»

Disse tudo, o nosso Ministro. Disse tudo e mais aquilo que não convém ouvir para quem é responsável pela produtividade. Que atente nisto o empresário português.

Militão Porto

## Coisas do Congresso da A.N.P. em Tomar

Vamos escrever algo sobre o Congresso da A.N.P. sem pretensiosismo, sem preocupações literárias ou de longa narrativa. Teremos só a preocupação de que os que lá não estiveram tirem uma conclusão do que aquilo foi, por fora e por dentro, com a intenção de ser verdadeiros, certos de que quanto mais clara for verdade de expressão mais alto e em melhor lugar de prestígio se coloca aquele certame político, que foi, efectivamente, um acontecimento que todos

os portugueses deviam conhecer em toda a sua latitude e valimento.

O Congresso funcionou diariamente em tres períodos de trabalho (manhã, tarde e noite), em seis salas, sendo cerca de 15 as Secções em que se dividiu. Primitivamente estava resolvido que cada congressista apresentasse a sua tese na Secção respectiva, seguindo-se o debate. Verificou-se, porém, que o número de participações era superior a 600 a que tornava impossível ouvir todos os inscritos, ou, até, uma boa parte.

O executivo resolveu então que o relator faria um relatório síntese das teses, aproveitando o que de melhor valia surgisse. Esses relatórios que foram lidos e distribuídos em todas as secções mereceram, de uma maneira geral, a aprovação dos congressistas, e quando se entendeu haver omissão ou desfiguramento o congressista chamou a atenção da mesa, justificando-se o relator. Com critério e a melhor audiência foram todos os assuntos resolvidos a contento geral.

Em seguida o titular da pasta em que os assuntos da Secção melhor se integravam fez uma participação-base, seguindo-se o debate sobre a mesma participação do membro do Governo e sobre a matéria do relatório ou das

«Continua na 4.ª página»

Estamos a pouco mais de três semanas do começo das tradicionais festas concelhias em honra de Santo António, com realização no Largo Doutor Oliveira Salazar, da Vila de Amares. É o primeiro ano em que o dia 13 foi superiormente reconhecido e intercalado na lista dos feriados municipais. Por tal motivo e outros que não interessa relatar, mal situados ficaríamos se as festas se não realizassem com o possível brilho das demais anos anteriores.

Tarde, porém, se decidiu o arranque. Mas decidiu-se. E já em pleno momento

com ranchos contratados, as Bandas Musicais da G.N.R. do Porto e Vale de Cambra, além da de Amares, com compromissos firmados em cerca de 40 contos, pistas de automóveis eléctricos, carroceis, fogos de artifício, concursos e tantas e variadas diversões, nota-se da parte de um ou outro elemento da Comissão um certo nervosismo, pois a despesa a cobrir é enorme.

Vai, por isso, sair para a rua a comissão. E, como sempre, espera muito confiadamente a melhor receptividade e compreensão, não só  
(Continua na 4.ª página)

## A Internacional do Crime

Volviendo os nossos olhos para o que sucedeu em Inglaterra — por tanta gente considerada paradigma de equilíbrio democrático, modelo de conduta cívica e de senso político, o que corresponde a tradições enraizadas e a múltiplos exemplos que a História regista — verifica-se que as forças do Mal decidiram fomentar, mesmo no coração da outra fleugmática cidade de Londres, um «clima de terror» ou, como escrevem jornais de todas as tendências na grande capital, uma «atmosfera de medo». Porque, mesmo junto de edifícios do Estado, se cometeram actos de terrorismo dinamitista, causando numerosas vítimas. E estavam visados jornais, como o próprio «Times», a «BBC», outras organizações particulares e oficiais.

O governo londrino dirigiu um apelo à população, lembrando-lhe os deveres cívicos, pedindo a sua «ajuda na defesa contra os bandos assassinos, e dizendo que, desde o flagelo da segunda guerra mundial, não se tinham conhecido, ali dias tão tenebrosos. Entretanto, à boa maneira anglo-saxónica, movimentam-se as mli engrenagens das forças espe-

ciais de segurança interna — e faz-se um esforço intenso na perseguição a todos os que, directa ou indirectamente, sejam ou possam tornar-se autênticos inimigos públicos.

Passa-se isto — sublinhemos — na grande nação de  
(Continua na 3.ª página)

## 5.ª COLUNA

Já lá vão muito sanos! Um categorizado Juiz de Direito pugnava pela anulação, melhor: pela extinção dos «Juri» nos tribunais. E dava a explicação de que no julgamento havia três motivos que impeliam o «Juri» para a atenuante do reu: 1.º. O nosso sentimentalismo puro, a que não podemos fugir; 2.º. — o período entre o crime o julgamento que, naquele tempo, demorava, às vezes, cinco e mais anos; 3.º. — afluência, ora teoria dos advogados incidindo no sentimentalismo das pessoas que compunham o «Juri».

Após esta conversa, severa e Judiciosa, entre mim e o dr. Juiz, procurei analisar a questão. E verifiquei, até

«Continua na 4.ª página»

## ENTREVISTA COM HERÉDIA

Por: José Joaquim Gonzales

Não necessita de apresentação. Basta o seu nome — Juan Carlos Herédia. O resto já toda a gente o sabe: um excepcional jogador, com uma profusão de profficuas fintas e portentoso remate que são um grande perigo para a baliza adversária.

Aproveitei o ensejo do final dum treino e conversei com Herédia.

— Herédia, em que parte do terreno gosta mais de jogar?

— Como avançado-centro, porque o jogador pode ir para todo o lado. Na extrema-direita não. O avançado-centro tem mais liberdade.

— Dos países onde jogou, qual o que tem melhor futebol?

— Em Portugal há um futebol menos duro, havendo mais companheirismo. Na Argentina um jogador que faça uma obstrução o árbitro mostra o cartão amarelo, mas para toda a equipa. Isto é: se em seguida houver outro jogador, da mesma equipa, que obstrua, esse jogador é expulso, indo assim sucessivamente. Enquanto que aqui não. Mais: tanto na Argentina como em Espanha joga-se um futebol muito duro.

— E quanto à arbitragem?

— É a portuguesa.

— Você, na Argentina em que clubes jogou?

— No Universitário, no Valle Guardo e no Rosário Central. Em todos eles fui sempre campeão.

— Já se encontra na sua forma?

— Sim. Tinha sido operado ao apêndice dias antes de vir de Barcelona para o Porto. Engordei um bocado. Cheguei a pesar 86 Kg. Agora peso 82 ou 83 Kg, o que é o meu normal.

— O que pensa da equipa do F. C. do Porto?

— Uma boa equipa que pode ir ao 3.º lugar do Campeonato.

— E da Selecção Nacional?

— Vi-a jogar na «Mini-Copa» e gostei imenso. No outro dia vi-a contra a Irlanda, na T.V., e não era a mesma coisa de quando jogou no Brasil. Muito melhor na «Mini-Copa».

— Qual o jogador que mais admira?

— O Argentino Herédia sorriu e disse:

— Na Argentina, é Perfume que está no Brasil; em Espanha, Amâncio; em Portugal, Eusébio.

— Qual o Estádio que mais gostou?

— O de Barcelona. Tem excelentes balneários com uma pequena piscina para o jogador tomar banho e nadar.

— Então, gosta de natação?

— Sim, muito. De natação e de praia. Na Argentina praticava natação diariamente.

— Gostava de ficar no Porto.

— Sim, muito.

— É um prazer marcar golos?

— Para mim jogo para marcar golos. Penso sempre em cada jogo que faço marcar um a dois golos, ou mais se surgirem.

Vinte-um anos. Oitenta-dois quilos. Herédia é um prazer, tanto no conversar que dá muito agrado, como ver os estupendos raids de transornar a defesa adversária e marcar não golos—mas golões.

## 5.ª COLUNA

com alguma quantidade de perseverante busca, que o juriconsulto tinha razão! Ainda hoje não olvido as suas mais curiosas palavras: «é que nós, as que julgamos, também estamos imbuídos da mesma sentimentalidade.»

— Imagine — dizia ele — que basta olhar o auditório, geralmente de pessoas simples, que tiveram pelo reu (um assassino, por exemplo, de execranda angustia na pior das hipóteses pronto a linchá-lo) ódio inteiriço, para verificamos esse ódio ter desaparecido e surgir a piedade pelo mesmo reu, que cometera o delito. Assim, não se pode julgar!

Tinha razão o dr. Juiz!

Pesar tenho, porem, não só por não estar já neste mundo, mas também para o ouvir acerca dum ultimo julgamento (nesta data que os «Juris» já não existem) realizado em Vila Real de Santo António, e que, como sabemos, se confina apenas a três juizes.

Fora o caso de que um indivíduo (o nome neste caso não interessa, concebe-se apenas o símbolo) colheu com o seu automóvel uma criança de 6 anos. Julgada a acusação procedente e provado o crime de homicídio involuntário, o reu foi condenado a meses de cadeia e multa e, ainda como crime de abandono, e mais 7 meses de prisão, 7 meses de multa e proibição de conduzir por seis meses. Consideradas várias a t e n u a n t e s, entre as quais o facto de por várias vezes ter dado sangue para fins beneficentes, tudo foi transformado em 16 contos de multa — e S. Exa. veio em liberdade...

Atropelou a criança; fugiu, abandonando-a; foi descoberto; a criança morreu; é considerado isto homicídio involuntário e, dadas as tais atenuantes, S. Ex. continua impune, mercê de 16 contos em substituição de meses de cadeia.

Se enveredássemos pelo caminho do «juri» tenho a certeza de que este homem seria condenado a anos de prisão maior. Não entende assim, Leitor?

EME ABRIL



### TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AMARES

Por este se faz público que foi distribuida na Secretaria Judicial desta comarca, acção contra Rosa Maria Fernandes, casada, doméstica, residente no lugar do Olival, freguesia de Goães, desta comarca, para efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

Amares, 9 de Maio de 1973

O Juiz de Direito,  
Alfredo Jaime Menéres Correia  
Barbosa

O Escrivão,  
Guilherme José da Silva

# FUTEBOL

## Campeonato Regional da II Divisão

### AMARES, 2 - A. BAULHE, 1

Vitória escassa com festival de golos perdidos.

Ao bater pela margem mínima o Arco de Baulhe o nosso clube colocou-se em excelente posição para discutir o 2.º lugar, que lhe dará direito aos jogos de passagem, uma vez que o título está praticamente entregue, e bem, ao Palmeiras. Faltam sómente 3 jornadas para o termo do campeonato e ao nosso clube cabe tarefa difícil, uma vez que terá de defrontar o Oliveirense e o possível campeão Palmeiras nos seus ambientes, para finalmente receber o Tadin que ainda não perdeu fora, em jogo que poderá ser de vida ou de morte. A exibição realizada no passado domingo que consideramos a melhor da época, deixa antever que a nossa equipa poderá vir a proporcionar-nos um final de época brilhante e colocar-se na tabela classificativa em posição que lhe confira o direito de participar nos jogos de passagem da II à I divisão.

Mesmo que não se venha a verificar a hipótese que acabamos de referir, é dever de justiça referir-se a excelente carreira que a equipa tem vindo a efectuar, mau grado aquele infeliz início, prestigiando o concelho que representa, o que já não acontecia desde que o clube baixara de divisão.

Para este jogo, que como já se referiu, foi de nível técnico pouco vulgar nos dias de hoje, a nossa equipa apresentou a seguinte constituição:

Leandro; Veloso, Cardoso, Gonçalves I e Dr. Janela; Quim e Fronteira, Gonçalves II; M. António, Rodrigues, Zé João e Carneiro

#### RESULTADOS DA JORNADA

AMARES 2 — A. BAULHE 1  
VILAVERDENSE 0 — PALMEIRA 0  
FERREIRENSE 3 — CELEIRÓS 1  
OLIVEIRENSE 1 — MOREIRENSE 2  
NINENSE 0 — SEQUEIRENSE 0  
TADIM 1 — RONFE 1

#### PRÓXIMA JORNADA

OLIVEIRENSE — AMARES  
PALMEIRA — A. BAULHE  
MOREIRENSE — TADIM  
SEQUEIRA — VILAVERDENSE  
CELEIRÓS — NINENSE  
RONFE — FERREIRENSE

#### CLASSIFICAÇÃO

|             | J. | V. | E. | D. | F. | C. | P. |
|-------------|----|----|----|----|----|----|----|
| PALMEIRAS   | 19 | 12 | 3  | 4  | 39 | 18 | 27 |
| MOREIRENSE  | 19 | 9  | 5  | 5  | 35 | 21 | 23 |
| AMARES      | 19 | 9  | 4  | 6  | 33 | 30 | 22 |
| CELEIRÓS    | 19 | 8  | 6  | 5  | 33 | 28 | 22 |
| TADIM       | 19 | 5  | 12 | 2  | 25 | 25 | 22 |
| VILAVERD.   | 19 | 6  | 8  | 5  | 20 | 17 | 20 |
| NINENSE     | 19 | 5  | 9  | 5  | 30 | 36 | 19 |
| RONFE       | 19 | 6  | 5  | 8  | 30 | 34 | 17 |
| FERREIRENSE | 19 | 6  | 5  | 8  | 24 | 29 | 17 |
| SEQUEIRENSE | 19 | 2  | 12 | 5  | 13 | 20 | 16 |
| A. BAULHE   | 19 | 6  | 2  | 11 | 22 | 36 | 14 |
| OLIVEIRENSE | 19 | 3  | 13 | 3  | 16 | 32 | 9  |

Telefone dos Serviços dos  
Bombeiros V. Amares 62162

## ANIVERSÁRIO

No dia 21 passa o aniversário natalício do nosso querido colaborador e assinante snr. Armando Macedo Martins, residente com sua Esposa e filhinhos na Califórnia E. U. A..



Tribuna Livre cumprimenta efusivamente o Armando Martins e augura-lhe um dia muito feliz e muitos anos de vida.

Parabéns



# TRIBUNA do CONCELHO

## Notícias do Concelho

### Do Canadá

**António Veloso Pinheiro**

— ANIVERSÁRIO —

Recebi uma carta do Canadá aonde se encontra este meu amigo e assinante e ao registar o seu aniversário ocorrido em 10 do corrente quero agradecer-lhe as referências feitas à Tribuna e às suas notícias. Recentemente imigrado para esse grande paiz lá foi encontrar o seu irmão Francisco que ainda conserva a camisola amarela de Campeão na cultura do tabaco o que lhe permitiu gastar 200 contos em 1972 para ser mordomo da Cruz em Rendufe aonde tem uma rica residência. É uma família numerosa e distinta que no Canadá goza do maior respeito. A Tribuna regista também o aniversário do seu filho Germano que no dia 28 será abraçado por muitos amigos porque ainda está em Portugal à espera das asas para voar. Do amigo António que foi muito tempo trabalhador na serra do Sr. Pinheiro de Rendufe, aonde deixou saudades espero abraça-lo um dia cá na terra, esperando que Deus lhe dê vida para ter esse grande prazer.

### Pensão Belo Horizonte

Caldelas honra-se de ter uma casa de só a indómita imaginação de um conterrâneo com horizontes canadianos poderia conceber. Nenhum português, que não tivesse vindo do «poleiro» teria o arrebitamento de fundar um estabelecimento que poderia ter até uma escola de civilização nós, os portugueses, sabemos muito mas não sabemos da rasteira poeirenta em que fomos criados. Lá vai a migração tapar buracos e abrir brechas. Como isto seria se as portas de Portugal estivessem fechadas como está a fronteira da Portela do homem.

Ao querido amigo sr. Abílio Rodrigues, já que ninguém não agora denunciase a sua aventura subterrânea, apresento os meus parabéns e os aplausos que bem merece de auxílio à sua obra que deu a Caldelas, um pouco de categoria depois do milagre indiscutível das suas famosas águas.

### Imigrantes em França

O paiz que mais portugueses recebe como imigrantes é a vizinha e muito querida França. São recebidos de braços abertos nesse paiz que Pompidou governa com

o devido respeito às suas tradições e cultura e é por isso que depois de Degaulle dificilmente se encontraria um Homem tão equilibrado no Mundo estremecido por convulsões políticas em que a França quasi sempre é chamada para medianeira da Paz. Talvez que nem a Santidade do Papa tenha concorrido tanto para o equilíbrio das forças em luta permanente com o prestígio do Presidente da República Francesa. O povo francês, culto e experimentado verá no «ídolo» político da Europa que é Pompidou, a sua própria salvação porque não é chamado às fileiras para defender o próprio Potrimónio. Vejamos o quadro negro do luto provocado na Ásia por questões em que o povo só é chamado para intervir quando tem de dar a vida para defender caprichos de tudo, menos de respeitar os direitos alheios. Aos portugueses que vivem em França dirijo uma felitação pela sorte que tiveram de encontrar aberta a porta de um Templo de serenidade e riqueza que muito tem contribuído para a sua felicidade completa e acima de tudo para a Paz ao mundo ocidental.

— Por —

**Elísio Gonçalves**

Carrzedo Amares

## A Internacional do Crime

«Continuação da 1.ª Página»

Além-Mancha, neste ano da graça de 1973, enquanto vai pelo resto do Mundo uma vaga sangrenta com características que o Presidente da democracia norte-americana apontou ao Mundo como «exigindo uma pronta e inflexível actuação em âmbito internacional — sem contemplações de qualquer espécie».

Só a ONU parece não atentar nestas realidades flagrantes, nesta tremenda verdade que todos os povos civilizados encaram com repulsa e horror! A diferenciação aprovada, há tempo, quando da repugnante chacina em Munich, abrangerá, o massacre dos diplomatas em Cartum.

## Vida elegante

### Aniversários

Fazem anos:

No próximo dia 21, passa o aniversário natalício do nosso assinante sr. Carlos Vieira Andrade, actualmente a cumprir serviço militar na Guiné, a quem os seus colegas aqui residentes saudam efusivamente.

\* \* \*

No dia 23 festeja mais um aniversário natalício o nosso estimado assinante sr. José Joaquim Almeida Costa, ausente com sua esposa em França e natural de Paredes Secas.

\* \* \*

No dia 25 a sra. D. Delmira de Araújo Veloso Martins.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

## A P Ê L O

### Vão realizar-se as Festas Concelhias em honra de Santo António

dos feiranovenses, como também de todos os habitantes do concelho, na certeza de que as festas são de todos e para todos e o melhor cartaz de propaganda turística da nossa terra.

Ninguém ignora a circunstância incontroversa, não obstante as melhores e mais adequadas intervenções governamentais, da alta de preços, ou seja, o aumento do custo de vida. Assim, se em anos transactos houve saldos que urgia guardar para este fim (e penso que há, efectivamente, um pequeno saldo já aplicado), bem desejaríamos que, neste ano, o mesmo acontecesse. Para tanto, fizemos o nosso apelo aos de fora, através de cartas que lhes endereçamos, sempre na esperança da sua generosidade, bairrismo e amizade. Os de cá, ter-nos-ão à porta. Não pedimos para nós, pois, se assim tivesse de ser, confesso que, da minha parte, (não por orgulho) mas morreria de fome... Trabalhamos por amor à terra e ao concelho.

Santo António velará por todos, se todos souberem corresponder ao nosso apelo.

Pela Comissão

N. Gonçalves

## AGRADECIMENTO

A Família de Manuel José Martins, muito reconhecida e muito sensibilizada, vem por este ÚNICO MEIO agradecer a todas as pessoas que a acompanharam no doloroso transe e bem assim a todas as pessoas que assistiram à Missa do 7.º dia.

Reconhecidamente

A FAMÍLIA



com Antracol  
não diga porque sim  
"diga porque sei"

- Porque sei que tem poderosa acção fungicida.
- Porque sei que evita o desavinho ou atraso de vegetação.
- Porque sei que não provoca o choque cúprico.
- Porque sei que devido às suas qualidades se deve utilizar para aplicação exclusiva da 1.ª à última cura.
- Porque sei que Antracol garante a máxima eficácia no combate contra a excoriose — uma doença pouco frequente.
- Porque sei que marca perfeitamente de azul as videiras tratadas.
- Porque sei que Antracol responde, positivamente, à confiança da Lavoura que sabe.
- Porque sei que é, na sua aplicação um dos fungicidas mais económicos do mercado.

Antracol é Bayer



Porque sei que...  
**Antracol**  
vence o Mildio  
e também a excoriose

ANTES DE USAR LEIA O RÓTULO

# A respeito da pedra de Carrazedo

Não tive paciência que não rebuscasse a obra de Tácito, especialmente a «Germânia» (De moribus Germanorum), aliás obra pouco volumosa.

Ao Dr. Paulo Macedo vale a pena explicar qual foi a evolução do meu pensamento a respeito do termo *Buricis* da inscrição lapidária de Carrazedo:—Sem outros elementos de recurso, à primeira vista a palavra *Buricis* sugeriu-me o substantivo *Burris-is* (rabiça do arado), um exemplo de substantivos parissílabos, isto é, que mantêm igual número de sílabas em todos os casos, e é um exemplo de gramática para casos deste género. Concluí assim por «divindades protectoras dos lavradores».

Uma vez em Lisboa, porque a coisa me não sai do

gnitudine caelestium arbitrantur. (De resto, aprisionar os deuses entre paredes de templos ou representá-los sob forma humana, isto parecia-lhes contrário à grandeza celeste).

Cap. VI—Equi non forma, non velocitate conspicui. sid ner variare gyros in morem nostrum docentur. (Os seus cavalos não são notáveis nem na beleza nem na velocidade. Não se lhes vê fazer evolução, como é nosso costume (dos Romanos).

Cap. XXI—Convictibus et hospitibus non alia geus effusius indulget. Quemcumque mortalisem arceretecto nefas habetur. (Gostam de se dar a festins e a exercer a hospitalidade e nenhuma outra raça o faz com maior largueza. Fechar a porta a um

encorporados violentamente pelos visigodos.

Isto pode significar que uma colónia Germânica de *Burios* se instalou ordeiramente aqui sob a protecção dos Romanos, ao longo do troço da Geira que atravessava esta região montanhosa e era a da preferência deste povo. Destes a terra tomou o nome (consagrado pelos próprios Romanos), nome que se estendeu a toda a superfície por onde a esse tempo puderam alargar-se com seu regime agrícola e pastoreio. É minha opinião que isto não oferece dúvidas que a palavra *Bouro* se deve à ocupação dos *Buros*. Acontece que em caracteres gregos aparece escrito *Bouloi-Bouroi*.

A *ara votiva* de Carrazedo é, portanto, um padrão milenário que desvenda mais um mistério da mal conhecida história do estabelecimento dos Suevos nesta região galaica de que Braga foi assento durante largo tempo.

Muito unidos, os diferentes ramos ou bandos estabeleciam-se na mesma região. Era uma questão de defesa de uns contra os outros:

Cap. XIV—Pigrum quini immo et iners videtur sudore acquirere quod possis sanguine parare — (Parecia-lhes preguiça e inércia adquirir pelo suor o que podiam conseguir pelo sangue). A fonte da sua grandeza consistia nas guerras de pilhagem.

Eram bárbaros; guerreiros por natureza do seu *habitate* —as montanhas. Eram hospitaleiros.

Cada um deduz as conclusões que entender quanto ao remanente deste e outros modos de ser nos povos que sucederam aos *Burios*, e as características que possuíram.

A raça de *burros e burras* que trouxeram e largo tempo foram o veículo de seus descendentes, espécie hoje muito reduzida, a raça cavalária da região é bem conhe-

cida—pouca beleza e pouca velocidade.

P. Leal diz que houve em Carrazedo de Bouro um velho costume de pôr mesas cheias de iguarias sobre as campas dos parentes falecidos e ali comerem regaladamente, etc. Quem quiser vá mais aí para os montes e informe-se se não é verdade que com os parentes *na táboa*, os que ficam, vizinhos e amigos, até inimigos que nessa altura faziam as pazes, comem e bebem à grande e à custa dos herdeiros do falecido.

Deixemos estas coisas.

Como é que fizeram o enterro à pedra? A história fa-

la-nos das sucessivas formas de religião e crenças trazidas doutras partes por outros povos conquistadores e invasores.

Selvagens ou impiedosos, sem apreço por valores estéticos e culturais, tinham o prazer de derrubar, destruir de modo a não deixar vestígios nem pedra sobre pedra. Até as cidades eram lavradas. Felismente foi o que aconteceu a esta *ara votiva*. Enteraram-na. Deus escreve direito por linhas tortas e para Ele não conta o tempo. Era preciso que ela aparecesse, porque é uma revelação de certa importância para a história.

## Coisas do Congresso da A. N. P. em Tomar

teses apresentadas. Nesses debates o diálogo era de abertura total, podendo o congressista ir até à inconveniência ou inconfidência, pois nada lhe era vedado, embora a resposta pudesse estar condicionada aos superiores interesses nacionais. De qualquer maneira as expressões não tinham limitações e ao auditório era dada sempre a possibilidade de aprovação ou não, individual ou colectivamente. Anotemos, antes que esqueça, que apesar de toda essa abertura, nos trabalhos a que assistimos e foram quantos os possíveis, verificamos muita elevação e valia, apesar da vivacidade e calor.

Os nossos leitores certamente que leram as referências dos jornais diários à exclusão da imprensa dos debates, pois quase todos os jornais se lhe referiram contrafeitos.

Também lá dentro o assunto foi levantado e por mais de uma vez, mas os congressistas concordaram em

esmagadora maioria que devia ser assim. Não poderia ser de outra forma se se atentar no caso como ele se apresentava.

Ao relatório, à participação-base do membro do Governo, a imprensa e demais órgãos de informação assistiam, mas quando se entrava no debate isso era-lhe vedado por se estas numa reunião de dirigentes que pretendiam tratar entre si dos casos, de uma maneira franca e ampla, e na maior parte desses mesmos casos estavam em causa assuntos da Organização.

Ninguém se convence que o assunto era de segredo, até porque o Organismo é aberto a todas as correntes, mas porque se pretendia franqueza, diálogo, trabalho sério e profícuo.

Ninguém teria a veleidade de supôr que se não saberia quanto se passava portas a dentro, mas era preciso ser assim. E quanto a abertura até merecerá uma referência o que disse e fez o nosso conhecido Américo Urbano.



sentido, já com um dicionário latino à mão, verifiquei que *Buri-iorum* é o nome dum antigo povo da Germânia. Não satisfeito com a informação dum vulgar dicionário latino como é o de Pedro Brou, recorri a um dicionário etimológico da língua latina, onde já é possível analisar a história das palavras. Constatei que *Buricus* figura como cognome desse mesmo povo e que a «Germania» de Tácito lhe fazia várias referências:—

Cap. XXV—Suam quisque sedem, suos penates regit. (cada um tem a sua habitação e rege-se pelos seus *penates*, lares ou deuses familiares).

Cap. IX—Ceterum nec cohibere parietibus deos neque ui ullam humani oris speciam assimilare ex ma-

homem, quem quer que ele seja, passa por um sacrilégio) etc. etc.

Cap. XXXVIII—profriis adhuc nationibus n o m i n i busque discreti, quamque ui commune Suebi vocentur. (divididos ainda em raças distintas, e com nomes diferentes, todos têm o nome comum de Suevos etc.

Ora, sabemos que os Suevos foram dos povos Bárbaros os primeiros que penetraram no mundo romano, ao princípio pacificamente de modo a desempenharem-se de serviços auxiliares até chegarem a funcionários no exército e em cargos públicos; mais tarde em atitude de guerra devastadora, em grande força, estabelecendo na Galiza o seu reino, que teve Braga por capital até fins do sec. VI, que foram

